

GT05: Antropologia da Economia

Arlei Damo, Gustavo Onto

A tematização da "economia", incluindo-se o debate sobre o significado do termo, tem adquirido notoriedade na antropologia contemporânea, com a realização de teses, grupos de pesquisa, eventos e publicações. Desde o nascimento da disciplina, os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, bem como as formas de valoração e de provimento das condições materiais da vida, foram descritos pelas etnografias. Tais produções geraram debates acerca do lugar da economia nas sociedades, uma vez que as investigações antropológicas, realizadas junto a comunidades distantes, ofereciam novas questões e por vezes contrapontos às teorias econômicas produzidas na sociedade de origem da antropologia enquanto disciplina. Nas últimas décadas houve uma renovação deste debate, acompanhando a expansão capitalista dos intercâmbios de pessoas, mercadorias, ideias e infraestruturas. A Antropologia da Economia vem ganhando espaço no Brasil e a procura pelo GT nas RBAs de 2018 e 2020 são prova disso. O objetivo do GT é continuar o fomento do diálogo entre pesquisadores e explorar etnograficamente a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite, com suas ambiguidades e fluxos que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico com outras esferas tais como: as práticas familiares, o meio ambiente, as religiões, as artes, a religião, as moralidades, o Estado e assim por diante.

E como fica o Bolsa Família na pandemia?

Autoria: Guilherme de Matos Floriano

O principal objetivo desta pesquisa é seguir os atores envolvidos no Programa Bolsa Família (PBF) e delinear a rede que forma o programa. Assim, objetiva-se pensar o PBF a partir da etnografia. Na medida em que o PBF é dotado de agência, ele constitui um espaço social específico - uma rede sociotécnica - que mobiliza categorias e gera alterações e impactos na sociedade. Assim, cumpre seguir seus atores e mapear sua rede, portanto. É híbrido. É rede, conforme passa pela ciência, pela sociedade e pelo discurso - real, coletiva e discursiva. É social, portanto, nos termos de Latour. O que se coloca enquanto um possível entrave para a etnografia é o advento da pandemia da COVID-19. Então, percebe-se que o próprio Programa transformou-se, ficando praticamente congelado por quase dois anos. Tudo o que habitualmente separamos são, para Latour (2016) cosmogramas que devemos descrever - que é o que exatamente buscamos, mesmo que tendo que mudar um pouco o curso da pesquisa: à distância e tomando alguns discursos e reportagens jornalísticas como locus etnográficos (GIUMBELLI, 2002). Sendo a Secretaria Municipal de Assistência Social, o local em que as famílias entram em contato com os programas sociais do Estado - assim como os CRAS, mas na SMADS, está alocada a gerência do Cadastro Único e a gestão do PBF -, ela se constitui, juntamente dos CRAS, enquanto o local de referência da proteção social no Brasil e, por isso, espaço empírico crucial desta pesquisa. O que se coloca, portanto, é que tal visão permitirá perceber os fenômenos sociais, econômicos, culturais, etc. que o constituem em sua magnitude, bem como, perceber o PBF enquanto um encontro entre beneficiários e o Estado o que, por fim, permitirá compreender como se delinea a rede e o cosmograma do PBF durante o período de maior impacto da pandemia da COVID-19 (2020/2021).

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

